

ANTONIO PRATA



Sorvete de cheesecake

Diz a lenda que Joe Kennedy, pai do presidente, presenciou o crash de 29 ao receber dicas de investimento do garoto que lustrava seus sapatos. Se até o engraxate estava especulando – especulou o especulador – era porque a especulação já tinha ido muito mais longe do que qualquer especulador poderia ter especulado.

Eu, modestia à parte, também farei que algo ia mal na economia alguns meses atrás, ao entrar numa grande videolocadora e dar de cara com um jogo de panelas (linha Firenze,

revestimento de teflon), seis pares de meias brancas (made in China, R\$ 10) e uma seção inteira dedicada às lingerie. Quando você acha calcinhas onde buscava Hitchcock, só pode concluir que o mercado está completamente desregulado, não?

Na verdade, eu suspeitava que as coisas andavam confusas desde uma remota tarde no século 20 em que a banca do seu Arlindo passou a vender água-de-coco. Em pouco tempo o jornalista comprou um freezer vertical e começou a oferecer também cervejas, refrigerantes e bebidas isotôni-

cas, onde antes havia apenas jornais e revistas, abalando assim um dos pilares de meu pensamento infantil – a crença de que uma coisa era uma coisa, outra coisa era outra coisa. Preocupado com a quebra de meus paradigmas, comecei a buscar alguma explicação no papo dos adultos. Falavam sobre a globalização, o fim das fronteiras e a abertura dos mercados. Era isso: seu Arlindo estava abrindo um mercado. E não só ele, percebi, ao reparar no que acontecia com os postos de gasolina: ali, naquela casinha onde antes funcionava uma borracharia, com uma ba-

nheira de água imunda e um pôster da Maria Zilda arrancado de uma Playboy de 85, passaram a vender lasanhas congeladas, papel higiênico, canetas hidrocor e outros itens de primeira, segunda ou terceira necessidade.

O que era o tal fim das fronteiras só entendi nos anos 90, não com o desmantelo da Iugoslávia, mas ao deparar-me com um saco de batatas fritas sabor churrasco. Depois vieram o sorvete de cheesecake, o chocolate de cookies e a pizza de cachorro-quente (e ainda crêem que o mercado se regula?!), mas nem me aba-



lei: já estava claro que uma coisa poderia ser outra coisa e, como vimos nos últimos meses, era possível todas as coisas transformarem-se em coi-

sa nenhuma.

Quando entrei na locadora, portanto, e deparei-me com panelas, meias e calcinhas, entendi que aquele era o apogeu do movimento iniciado lá atrás, com os cocos do seu Arlindo, e que logo viria a débâcle. O pai do Kennedy, em 29, vendeu as ações e comprou terras e imóveis. Eu, dentro de minhas limitações, apenas aluguei um filme e levei um daqueles pacotes com seis meias, pela incrível bagatela de R\$ 10. Meias brancas, médias e lisas, como convém. Afinal, em momentos de incerteza, temos de nos refugiar na tradição. ●

Paulistânia



O dono do arranha-céu

Há quatro décadas, Waldomiro Zarzur construiu o prédio que até hoje é o mais alto de SP

FOTOS: ANTONIO MILENA/AE



DE SUA JANELA, BELA VISTA - Waldomiro Zarzur e três de suas obras: o Palácio Zarzur (no alto, enfeitado para o ano-novo de 1967), a Catedral de Nossa Senhora do Paraíso e uma casa na Vila Nova Conceição

Edison Veiga

De sua sala, no 44º andar de um arranha-céu na Avenida Prestes Maia, o engenheiro Waldomiro Zarzur enxerga longe. Tem um horizonte que quase não existe mais na São Paulo cheia de prédios. O seu, aliás, é o maior de todos – com 170 metros de altura, o Palácio Zarzur ficou pronto em 1966 e até hoje não foi superado. Saiu da prancheta do “doutor Waldomiro”, como é tratado por seus funcionários. “Tenho muito orgulho deste edifício”, não se cansa de afirmar, com sua voz rouca. “Pelas leis de zoneamento atuais, não acredito que alguém vá superá-lo.”

Aos 87 anos, doutor Waldomiro contabiliza 242 obras em sua carreira, 90% na capital. São 6 milhões de metros quadrados construídos. Mas não é de todas que gosta de falar. O São Vito e o Mercúrio, construídos por sua empresa, acabaram virando símbolos da degradação do centro paulistano. São assuntos nos quais ele e sua família preferem nem tocar.

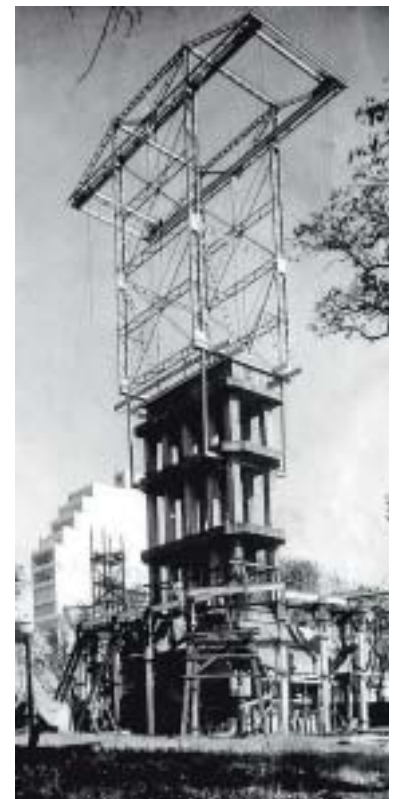
Quando projetou o Palácio Zarzur, já imaginava que os últimos andares seriam ocupados por sua construtora. “Nem pensei que ia ser o maior da cidade ou coisa parecida. Eu queria fazer o máximo que desse para fazer.” A explicação para tama-

nha altura é simples: o ser humano, lembra o doutor, gosta de ficar lá em cima. “O homem quer voar. Tanto que os andares mais altos são sempre os primeiros a serem vendidos.”

Bem-humorado, ele conta que durante a construção do arranha-céu houve quem tentasse demovê-lo da idéia. “As regras da engenharia não permitiam um prédio tão grande de concreto. Tinha de ser estrutura metálica”, lembra. “Depois, houve uma campanha desgraçada contra nós, insinuaram até que a construção iria derrubar o Viaduto do Chá. Tudo sem qualquer base técnica.”

Atualmente, funcionam ali 146 lojas, 812 salas e 60 salões comerciais. Doze elevadores servem ao prédio de 75 mil metros quadrados, onde trabalham 10 mil pessoas. O prédio é 10 metros mais alto que o Edifício Itália.

E essa boataria difamatória não foi a única contra o Palácio Zarzur. Em 1972, após o trágico incêndio que consumiu o Andraus, na Avenida São João, dizia-se que a próxima vítima seria a menina dos olhos do doutor Waldomiro. Para desassosar o nome da conotação negativa, o engenheiro decidiu rebaixar o prédio: virou Mirante do Vale. Entretanto, até hoje ele só se refere ao edifício pela



DUQUE DE CAXIAS - 40m de altura

denominação original. “Arrependi-me da mudança”, conta. “Vou ver se consigo voltar ao que era.”

Construir o arranha-céu levou cinco anos. Doutor Waldomiro era um engenheiro com considerável experiência. Sua primeira obra, uma casa na Rua Afonso Brás, na Vila Nova Conceição, foi executada quando ti-

nha apenas 21 anos e ainda estudava Engenharia no Mackenzie. “Foi encomenda de um tio.” Nessa época, a amizade com o também estudante Aron Kogan transformou-se em sociedade – que durou até 1960, quando Kogan foi assassinado e Waldomiro assumiu a empresa.

Outra obra especial para o engenheiro é a residência nos Jardins onde mora com a mulher, Ilda, desde 1960. “Casei-me em 1957 e a casa era para ser um presente para ela”, conta. “Mas não ficou pronta a tempo.” Nos três anos seguintes, tocou a construção sem contar nada à amada. “Ela só entrou na casa quando estava pronta.”

No mesmo ano, a empresa de doutor Waldomiro concluiu a instalação do Monumento a Duque de Caxias, escultura de Victor Brecheret (1894-1955), na Praça Princesa Isabel. Uma novela que parecia interminável. A comissão criada em 1939 para homenagear o patrono do Exército contratou Brecheret em 1942. A responsabilidade foi transferida à Prefeitura, que recebeu o modelo do escultor três anos mais tarde. Somente entre 1948 e 1952 foi feita a fundição do bronze, no Liceu de Artes e Ofícios. Para comemorar o andamento dos trabalhos, o governador de São Paulo, Ademar de Barros, e ou-

tras autoridades participaram de um almoço servido no interior da barriga do cavalo para 50 convidados sentados e 20 em pé, em 1950.

Em 1953, a empresa de doutor Waldomiro foi chamada com a missão de concluir o monumento: construir o pedestal, revesti-lo de granito e colocar a estátua de bronze no topo. Uma estrutura metálica precisou ser feita especialmente para a montagem. A inauguração finalmente aconteceu no dia 25 de agosto de 1960, Dia do Soldado. O monumento tem 40 metros de altura, sendo 16 de estátua e 24 de pedestal. “Quarenta toneladas de

Das 242 obras de sua carreira, 90% estão na capital paulista

bronze”, recorda-se o engenheiro, escandindo as sílabas, com um sorriso de satisfação.

Ele conta que, dias antes da montagem final, houve outro almoço dentro da barriga do cavalo. Desta vez, nada de pompa. “Foi para os empregados, os peões da obra”, conta. “Tinha 26 pessoas. Não foi colocado prato nem nada. Era na base do

sanduíche.” E o senhor participou? “Não, não. Eu só olhei.”

Casado, quatro filhos, 12 netos, doutor Waldomiro expandiu seus negócios para além da engenharia. Hoje, o grupo W Zarzur, com cerca de 700 funcionários, investe em agropecuária, administra hotéis e, desde 2000, mantém pequenas usinas hidrelétricas no interior paulista e em Mato Grosso.

Em um pesado álbum de fotografias, guarda as imagens de grande parte das obras que construiu. Folheia as páginas e vai se lembrando das histórias, reavivando um passado que se mistura ao da própria cidade. Quando vê a foto da Catedral de Nossa Senhora do Paraíso, que ele, católico, ergueu em 1952, seus olhos brilham. “O dinheiro que o padre arrecadou não dava nem para as fundações. Tive de completar”, diz. “Para economizar, fizemos toda de alvenaria.”

Suas memórias estão contadas no inédito livro *Waldomiro Zarzur - Um Empresário Paulista da Construção Civil*, organiza-

do pela professora Maria Ruth Amaral de Sampaio, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Ele não pretende publicar em vida. E se negou a emprestar-lo à reportagem do Estado. “Quando eu morrer, vocês vão ganhá-lo.” ●